

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A Importância da Arqueologia na Pesquisa Acadêmica

batistapioneira.edu.br

III Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2025.v3.007



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O SALMO DE HABACUQUE: O ASPECTO POÉTICO DO CAPÍTULO 3 DO LIVRO DO PROFETA MENOR

The Psalm of Habakkuk: The Poetic Aspect of Chapter 3 of the Book of the Minor Prophet

Raphani Margiotta Viana Costa¹

RESUMO

O presente artigo propôs uma análise do capítulo 3 do livro de Habacuque, destacando seu aspecto poético e sua singularidade dentro da estrutura do restante do livro. Enquanto nos dois primeiros capítulos de Habacuque há um diálogo entre o profeta e Deus – diálogo este que é marcado pelas queixas do primeiro e as respostas recebidas por ele em forma de profecias divinas a respeito do que aconteceria com seu povo e com a nação que o subjugaria –, o terceiro capítulo rompe com esse padrão, assumindo a forma de um salmo ou oração poética, inclusive com expressões musicais presentes apenas no livro dos Salmos. Assim, este artigo apresentou a autoria, o contexto histórico do livro e sua possível datação, bem como um breve panorama dos dois primeiros capítulos. Em seguida, destacou, partindo da observação e do comentário de vários autores, as principais semelhanças do capítulo 3 com os Salmos, seu estilo literário, a sublimidade do texto e seu valor como expressão de fé e confiança em meio ao juízo divino que viria sobre o reino de Judá.

Palavras-chave: Habacuque. Profeta. Poético. Salmo.

¹ Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (2009). Bacharel em Letras com habilitação em Língua e Literatura Italiana pela Universidade Federal Fluminense (2017). Mestranda em Teologia pela FABAPAR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4323-4817>. E-mail: raphanitta@gmail.com

ABSTRACT

This article proposes an analysis of chapter 3 of the book of Habakkuk, highlighting its poetic nature and its uniqueness within the structure of the rest of the book. While the first two chapters of Habakkuk present a dialogue between the prophet and God – a dialogue marked by the prophet's complaints and the divine responses concerning what would happen to his people and the nation that would subjugate them – chapter 3 breaks this pattern, taking the form of a psalm or poetic prayer, including musical expressions found only in the Book of Psalms. Thus, this article presents the authorship, historical context, and possible dating of the book, along with a brief overview of the first two chapters. It then highlights, based on observations and commentary from various authors, the main similarities between chapter 3 and the Psalms, its literary style, the sublimity of the text, and its value as an expression of faith and trust in the face of divine judgment that was to come upon the kingdom of Judah.

Keywords: Habakkuk. Prophet. Poetic. Psalm.

INTRODUÇÃO

O livro de Habacuque começa com a queixa do profeta a Deus acerca da violência e da injustiça que ele vinha presenciando em Judá. A pergunta inicial do profeta é: “Até quando clamarei, e não me escutarás, Senhor? Ou gritarei a ti: Violência! E não salvarás?” (1.2). É exatamente este diálogo entre ele e Deus que é apresentado ao leitor nos dois primeiros capítulos do livro, em forma de denúncia e profecia, nos quais Deus dá respostas ao profeta acerca de como ele exerceria juízo sobre o reino de Judá, a saber, que Ele usaria uma nação mais perversa que eles como instrumento de correção, e que posteriormente essa mesma nação sofreria também as consequências de sua própria maldade. Após a sentença dada por Deus em relação ao seu povo e ao povo estrangeiro que o subjugaria, o que se vê no terceiro capítulo é uma mudança drástica no estilo literário do livro, que passa a apresentar um salmo de louvor e expressão de confiança a Deus, independentemente das circunstâncias. Tamanha é a mudança de estilo literário que alguns estudiosos chegam a sugerir que o salmo do terceiro capítulo não teria sido escrito pelo profeta, embora esteja presente nele a continuidade do assunto tratado nos capítulos anteriores. Escrita em forma de canto, a oração do profeta no terceiro capítulo “mostra uma das melhores descrições da Bíblia da teofania (uma descrição poética da aparição de Deus) em relação à vinda do Senhor”,² figurando entre as orações mais belas da poesia hebraica. E é justamente sobre esse aspecto poético do capítulo três de Habacuque que o presente artigo pretende discutir.

1. AUTORIA

Pouco se sabe sobre a vida de Habacuque. Acredita-se que o profeta tenha vivido no reino de Judá, antes da invasão do Império Babilônio por volta do ano 605 a.C., no reinado de

² COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menores (II)**: Miqueias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias. Rio de Janeiro: JUERP, 2002, p. 77.

Jeoquim, que viria a ser subjogado por Nabucodonosor.³ Alguns estudiosos afirmam que ele tenha sido contemporâneo do profeta Jeremias.⁴

Embora sua afirmação emblemática “O justo viverá pela fé” (Hc 2.4) tenha sido citada por três ocasiões no Novo Testamento (Rm 1.17; Gl 3.11 e Hb 10.38), não há outras menções na Bíblia a seu respeito senão as de seu próprio livro. Fora das Escrituras, o profeta aparece no apócrifo “Bel e o Dragão”, do período dos Macabeus, acrescentado em Daniel, levando comida para ele enquanto este estava na cova dos leões.⁵

Segundo Sayão, é possível que ele tenha sido um profeta de família sacerdotal, ligado ao culto no templo.⁶ Autor do oitavo livro dos profetas menores, o nome “Habacuque” pode tanto significar “abraço”, quanto, segundo Coelho Filho, o nome de uma planta para adornar jardins.⁷ O autor afirma ainda:

O que há de mais notável em Habacuque é que ele é um profeta absolutamente distinto dos outros. Vemos Amós como um profeta que prega contra nações gentias (Am 1), contra Judá (Am 2) e contra Israel (Am 3). O profeta Isaías também pregou contra o seu povo (Is 1 e 3) e contra os gentios (Is 14 e 15). Assim da mesma forma outros profetas. Mas Habacuque é diferente. Ele questiona o próprio Deus. É um estranho tipo de profeta. Suas queixas não são contra os pecadores, mas contra o Santo.⁸

O fato de se queixar a Deus, no entanto, não retira do profeta a confiança em Deus. Aliás, como ver-se-á a seguir, é justamente essa confiança que fica evidente no último capítulo do livro, escrito em forma de salmo.

Por fim, Pape, aludindo a Habacuque 2.2, refere-se ao profeta como “o agente publicitário do Senhor”:⁹ “Habacuque, pioneiro da publicidade bíblica, preparou a imensa tábuca de barro, e escreveu em manchetes o que recado que Deus lhe revelara”.¹⁰

2. DATAÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

A invasão prevista por Habacuque pode ter-se dado em qualquer momento antes de 587 a.C., quando Jerusalém foi finalmente destruída pelos babilônios. Essas profecias foram apresentadas algum tempo depois. Um período possível seria o do reinado de Jeoquim (609-598 a.C.), quando a presença babilônica fazia-se sentir cada vez mais.¹¹

³ LOPES, Hernandes Dias. **Habacuque**: como transformar o desespero em cântico de vitória. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 14.

⁴ SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **O problema do mal**: o caso de Habacuque. São Paulo: RTM, 2022, p. 165.

⁵ SAYÃO, 2022, p. 163.

⁶ SAYÃO, 2022, p. 165.

⁷ COELHO FILHO, 2002, p. 75.

⁸ COELHO FILHO, 2002, p. 17.

⁹ PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje**: a mensagem dos profetas menores. São Paulo: ABU, 1982, p. 80.

¹⁰ PAPE, 1982, p. 85.

¹¹ BAKER, David Weston. **Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 324.

Um dos versículos utilizados para se contextualizar o livro encontra-se no capítulo 1, versículo 6, que diz: “Estou levantando os babilônios, essa nação feroz e impetuosa, que marcha sobre a largura da terra para se apoderar de moradas alheias” (Hc 1.6 – A21). Pape afirma que, por volta de 612 a.C., o império assírio, aparentemente invencível, fora subjugado pelos caldeus, oriundos da Babilônia, o que culminou para que a Babilônia se tornasse a mais nova superpotência naquele período.¹² Ao se sentir ameaçado pelo império que emergia, o Egito enviou seu exército rumo ao Norte por volta de 605 a.C., atravessando o pequeno reino de Judá. Champlin conta que os caldeus derrotaram os egípcios na Batalha de Carquêmis naquele mesmo ano.¹³ Carreiro afirma, citando Sayão, que “é neste contexto que, logo depois, em 597 a.C., Jerusalém é sitiada por Nabucodonosor, que finalmente a destrói em 587-586 a.C.”.¹⁴

Os versículos anteriores (Hc 1.1-4) também são levados em consideração na hora de estabelecer essa datação. Isso porque eles tratam de conflitos internos em Judá, que muito provavelmente teriam ocorrido após a morte de Josias, em 609 a.C., e os primeiros anos do reinado de Jeoaquim (609-605 a.C.).¹⁵ Uma segunda possibilidade, menos defendida pela maioria dos autores, seria a de que o livro de Habacuque teria sido escrito no tempo de Alexandre, o Grande. Crabtree refuta veemente essa possibilidade alegando que o livro não descreve as circunstâncias históricas do tempo de Alexandre, o Grande e que a linguagem do texto reflete a influência do profeta Jeremias.¹⁶

3. AS QUEIXAS DO PROFETA E AS RESPOSTAS DE DEUS NOS CAPÍTULOS 1 E 2

Como destacou-se na introdução, os dois primeiros capítulos do livro do profeta Habacuque apresentam um diálogo entre o profeta e Deus permeado de questionamentos. A questão principal consiste em entender como o Senhor lida com o aumento da maldade e o sofrimento do justo. Nesta seção, destacar-se-ão os pontos principais desses dois capítulos.

Para uma melhor compreensão do leitor, esta seção será dividida em quatro partes: a primeira queixa do profeta (Hc 1.1-4); a primeira resposta do Senhor (Hc 1.5-11); a segunda queixa: o lamento do profeta diante da resposta de lavé (Hc 1.12-2.1); e, por fim, a segunda resposta de Deus: promessa de punição da Babilônia (Hc 2.2-19).

¹² PAPE, 1982, p. 80.

¹³ CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Candeia, 2000, p. 3611. Vol. 5.

¹⁴ CARREIRO, Gustavo Albernaz Dias. Um profeta em crise: análise exegética de Habacuque 1.1-4. **Pneuma: Revista Teológica**. Curitiba, v. 02, n. 01, 2022. ISSN: 2965-3177. p.6. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/pto/article/view/258>

¹⁵ SAYÃO, 2022, p. 144.

¹⁶ CRABTREE, A. R.; et al. **Profetas Menores**: comentários sobre os livros de Joel, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum e Habacuque. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971, p. 233. Vol. 1.

3.1 A primeira queixa do profeta (Hc 1.1-4)

“Sentença revelada ao profeta Habacuque” (Hc 1.1 - ARA). Sayão sugere a seguinte tradução: “Esta é a mensagem (de lavé) que o profeta Habacuque viu (recebeu)”.¹⁷ Champlin elucida que o termo traduzido como sentença/mensagem, a depender da versão, no hebraico significa literalmente peso, algo que é levantado com dificuldade. Portanto, o profeta recebera de Deus uma mensagem pesada, a saber, de juízo ou condenação.¹⁸

“Até quando?” (v. 2) Habacuque estava em crise. Segundo Lopes, parecia ao profeta que Deus estava indiferente à situação degradante em que Judá e o restante do mundo se encontrava.¹⁹ Os justos eram oprimidos (1.4); o povo vivia em pecado (1.3); o litígio era comum (1.3); e Deus estava em silêncio. Diante de tudo isso, o profeta clamou e gritou e, apesar de toda possível frustração diante do cenário em que se encontrava, Habacuque buscou resposta em Deus.

Envolvido de forma pessoal (“Por que me fazes ver a maldade”) no problema, o profeta fazia, ele mesmo, parte daquele sofrimento. Perplexo, ele direcionou o seu clamor a lavé, na tentativa de entender por que o Eterno lhe deixara experimentar aquela injusta realidade.

3.2 A primeira resposta do Senhor (Hc 1.5-11)

“Vede entre as nações, e olhai; maravilhai-vos e admirai-vos, porque realizo em vossos dias uma obra que não acrediteis, quando vos for contada” (Hc 1.5). Depois de receber a queixa de Habacuque, Deus inicia sua resposta convidando o profeta a observar o que Ele, o Senhor, estava prestes a fazer: suscitar contra o reino de Judá a Babilônia, nação mais corrupta que eles, a fim de que ela lhes servisse de correção pelo pecado. Era algo tão surpreendente que seria difícil de acreditar.

Nos versículos seguintes (6-11), vê-se a descrição da Babilônia: “feroz e impetuosa”, “terrível e espantosa”, cujos “cavalos são mais rápidos do que os leopardos” (A21). Debochados e zombadores (1.10), “passam com o ímpeto de um vento”, levando tudo que estiver pelo caminho. “Em harmonia com sua natureza vil, eles estavam efetuando ataques generalizados contra povos vizinhos, matando e saqueando, apossando-se de territórios que não lhes pertenciam”.²⁰

Sayão afirma que “a solução divina expressa na descrição dos invasores inimigos é terrível e dolorosa para o profeta”.²¹ A resposta de Deus não era exatamente o que Habacuque gostaria de ouvir. Saber que o Senhor levantaria uma nação perversa e pecadora como vara de correção para eles o havia deixado perplexo. Se o silêncio de Deus angustiara Habacuque, a resposta do Senhor, ainda mais. Lopes, citando Warren Wiersbe, diz que Deus

¹⁷ SAYÃO, 2022, p. 165.

¹⁸ SAYÃO, 2022, p. 161.

¹⁹ LOPES, 2007, p. 37.

²⁰ CHAMPLIN, 2000, p. 3615.

²¹ SAYÃO, 2022, p. 220.

deu a Habacuque uma revelação, e não uma explicação.²² Diante da resposta do Senhor, Habacuque dirige a lavé uma nova queixa, desta vez em tom de lamento, que ver-se-á a seguir.

3.3 A segunda queixa: o lamento do profeta diante da resposta de lavé (Hc 1.12-2.1)

A parte final do capítulo um começa com uma pergunta retórica, cuja resposta Habacuque já sabia: o Deus em quem criam Habacuque e seu povo existia “desde a eternidade” e seu poder e sua santidade já haviam sido experimentados por eles em muitas ocasiões, desde a saída do Egito. Por isso, confia o profeta, eles não morreriam. No entanto, esse mesmo Deus, digno de confiança, chamado “meu Deus, meu Santo” nas palavras do profeta, a despeito de sua pureza e rejeição total ao pecado, toleraria ver um povo perverso cometer violências contra seu próprio povo. Segundo Baker, aqui “a palavra ‘perverso’ mudou de referente, deixando de designar os infiéis de Israel para indicar os próprios babilônios”.²³ Trata-se de “arrancar cativos de seu próprio ambiente, de sua terra natal, e exilá-los ou transplantá-los em uma região estranha”, prática comum entre os assírios e os babilônios.²⁴

Diante dessa terrível perspectiva, a pergunta que o profeta faz ao Senhor é: por quê? Por que Deus trataria os homens [de Judá] como peixes do mar, deixando-os serem capturados pelo adversário com o anzol? (1.14-15). Onde estaria a lógica de Deus? Neste ponto, a consternação do profeta parece ainda maior.

Vale apontar que aqui a linguagem do profeta, apesar de seu aspecto de lamento e profecia, já apresenta o uso de figuras de linguagem, conforme destaca Sayão – metáfora no verso 12 em “Rocha”, significando protetor e metonímia; Deus como sendo seus olhos, no verso 13 –,²⁵ proporcionando ao leitor, um alto padrão de linguagem. Diante do silêncio de lavé, o capítulo um se encerra e o profeta inicia o capítulo dois colocando-se em sua “torre de vigia” até ver o que Deus lhe dirá e qual resposta o profeta receberá à sua queixa.

3.4 A segunda resposta de Deus: promessa de punição da Babilônia (Hc 2.2-19)

Nesta subseção, tendo em vista que o número elevado de versículos e levando-se em conta que o objetivo principal deste artigo é concentrar-se na análise do aspecto poético do capítulo 3, o que será feito logo a seguir, procurar-se-á mencionar apenas os pontos principais acerca da profecia contra a Babilônia, com destaque para alguns versículos.

A partir de Habacuque 2.2, lavé volta a falar. Mas antes de proclamar os “ais” que viriam sobre a nação opressora – o que acentua ainda mais o aspecto profético deste capítulo –, há uma preocupação por parte do Senhor em requerer do profeta que a visão fosse registrada, não de qualquer forma, mas de maneira que o seu conteúdo ficasse bem legível.²⁶ Pois, no tempo determinado, ela viria a se realizar.

²² LOPES, 2007, p. 56.

²³ BAKER, 2001, p. 336.

²⁴ BAKER, 2002, p. 337.

²⁵ SAYÃO, 2022, p. 223.

²⁶ SAYÃO, 2022, p. 237.

Sayão considera o versículo 4 o texto central da obra. Segundo ele, “o texto faz um contraste entre o justo e o ímpio, afirmando que o justo ‘viverá’ [...] e que o profeta não deveria preocupar-se tanto, pois o justo será tratado conforme a sua justiça”, justiça essa que é “medida pela fidelidade demonstrada para com o Deus da aliança”.²⁷ Lopes, citando Coelho Filho, chega a dizer que aqui é o coração da Bíblia. Repetido por três vezes no Novo Testamento (Rm 1.17, Gl 3.11; Hb 10.38), esse versículo não apenas teve sua importância nos tempos de Habacuque – encorajando o povo de Judá a confiar no Senhor e a permanecer na fé que eles tinham no Deus que estava no controle da História –, como nos tempos de Paulo, usado por ele para fundamentar a doutrina da justificação pela fé (tema que tangencia a proposta deste artigo, mas que é de suma importância para o Cristianismo como um todo).

Fato é que, no que tange à ímpia Babilônia, Champlin afirma que sua destruição revelada naquela visão é a principal resposta do dilema expresso no capítulo 1.²⁸ Embora Deus viesse a permitir que ela exercesse violência e castigo sobre Judá por certo tempo, seus dias estavam contados. Os caldeus que Deus suscitara para disciplinar o seu povo seriam completamente extirpados e destruídos.²⁹

Do versículo 6 em diante, aparecem cinco “ais”. Segundo Coelho Filho, “o termo hebraico é “roy”, uma exclamação usada nos enterros ou em momentos de lamentação diante de uma desgraça”.³⁰ Baker afirma que o profeta “emprega a forma literária de um pranto para ridicularizar” a Babilônia, que viria cair por volta de 539 a.C.³¹ Resumidamente, o primeiro aparece no versículo 6 e é dirigido àqueles que adquirem bens desonestamente. O segundo “ai” encontra-se no versículo 9 e condena tanto a exploração que visa ao ganho pessoal, como a que tem por objetivo o engrandecimento nacional ou dinástico. O terceiro “ai”, presente no versículo 12, dirige-se àqueles que promovem a violência. Baker destaca que a descrição da punição no versículo 13 “é tomada emprestada da profecia de Jeremias, feita na mesma época, ou nela se reflete (Jr 51.58)”.³²

Observa-se, porém, que, antes de dar prosseguimento às demais previsões de juízo, o versículo 14 surge como “um raio de sol que brilha em meio às trevas”.³³ “Pois, assim como as águas cobrem o mar, a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor” (Hc 2.14). Baker afirma que esse versículo “eleva o oráculo, que deixa de ser uma simples referência à derrota da Babilônia, atingindo o nível da escatologia”.³⁴ É como um prenúncio da sublimidade que Habacuque alcançaria no capítulo 3.

O quarto “ai”, no versículo 15, refere-se aos depravadores. Ao utilizar a figura da bebida alcoólica, o profeta condena a Babilônia por levar outros à imoralidade e à depravação. Por

²⁷ SAYÃO, 2022, p. 242-243.

²⁸ CHAMPLIN, 2000, p. 3617.

²⁹ LOPES, 2007, p. 102.

³⁰ COELHO FILHO, 2011, p. 81.

³¹ BAKER, 2001, p. 344.

³² BAKER, 2001, p. 347.

³³ BAKER, 2001, p. 347.

³⁴ BAKER, 2001, p. 347.

fim, o último “ai”, no versículo 19, volta-se aos ídólatras, que adoraram deuses falsos, fabricados por eles mesmos. Em contraste a estes, o profeta encerra o capítulo 2, com uma declaração que parece preparar o caminho para o salmo que viria no capítulo 3. É ao Senhor, que “está no seu santo templo”, diante do qual deve-se calar toda a terra, que ele dirigirá a sua oração.

4. SALMO DE LOUVOR: ASPECTOS POÉTICOS E MUSICAIS DO CAPÍTULO 3 DE HABACUQUE

“O livro de Habacuque começa num vale e termina nas alturas excelsas”, diz Lopes.³⁵ Se o primeiro capítulo traz a abertura da sentença dada por Deus a Habacuque (1.1), o último capítulo traz um “exaltado poema de 30 linhas”³⁶ que se autointitula como “Oração do profeta Habacuque à moda de sigionote” (A21). Assim, os 19 versículos deste capítulo exibem uma oração do profeta em forma de canto.

Champlin afirma, citando a Oxford Annotated Bible, que “temos aqui um hino que exalta a marcha para avante, da parte do Senhor, na vitória, com a salvação de Seu povo. Esse poema magnificente exhibe as características de um salmo, incluindo orientações litúrgicas”.³⁷

Nesta seção, buscar-se-á analisar quais são as características gerais dos salmos, os aspectos poéticos e musicais do capítulo 3 de Habacuque em semelhança com os Salmos e o que alguns autores defendem acerca da possibilidade de este capítulo ter sido adicionado aos demais posteriormente. Além disso, será proposto um esboço dividido em: título e petição (vv 1,2); teofania (vv 3-15) e declaração de confiança inabalável (vv 16-19).

4.1 Características gerais dos Salmos

Segundo Gusso, os salmos são composições poéticas, “descritas em linguagem exuberante, grandiosa e figurada”³⁸ e o significado original de seu título no hebraico é “cânticos de louvor” e na Septuaginta, “cântico acompanhado por instrumento musical”.³⁹ Os salmos eram utilizados tanto na literatura litúrgica como em orações individuais.⁴⁰

Gusso, citando Hermann Gunkel, sugere uma possível classificação em alguns gêneros: hinos, lamentações coletivas ou individuais, salmos reais, salmos de gratidão, salmos litúrgicos, liturgia profética, entre outros.⁴¹

³⁵ LOPES, 2011, p. 137.

³⁶ CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

³⁷ CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

³⁸ GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílio para interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012, p. 53.

³⁹ GUSSO, 2012, p. 46.

⁴⁰ GUSSO, 2012, p. 48.

⁴¹ GUSSO, 2012, p. 48,49.

4.2 Aspectos poéticos e musicais da oração de Habacuque em semelhança com os Salmos

As expressões litúrgicas “forma de canto”, “selá” e “mestre de música” são termos técnicos presentes no Saltério.⁴² O termo traduzido pela ARC como “forma de canto” e “sigionote”, pela A21, é raro, aparecendo apenas em Habacuque 3 e no salmo 7. Tal termo, segundo Sayão, não possui significado ao certo. Sabe-se que indica um poema litúrgico, isto é, usado em cultos, e a sugestão mais comum é que se trata de um termo musical. Sayão diz ainda que “uma nota litúrgica encerra o salmo [de Habacuque] no versículo 19, o que favorece a sugestão do uso do termo no culto”.⁴³

Segundo Baker, esse salmo é tocado com instrumentos de corda, termo que também aparece nos salmos 4, 54, 55, 67 e 76, “sob a regência de um músico profissional, alguém que aparece no título de 55 outros salmos”.⁴⁴ Outra notação (“selá” na ARC e “Interlúdio” na A21) existente em abundância na literatura dos Salmos é encontrada três vezes no capítulo 3 de Habacuque, nos versículos 3, 9 e 13. Baker afirma que também se trate de uma orientação musical, embora seu significado seja desconhecido.⁴⁵

Outra semelhança com os Salmos é que, assim como os salmos 17, 86, 90, 102 e 142,⁴⁶ o salmo de Habacuque também é chamado de oração. Embora haja inúmeras orações ao longo de toda a Bíblia, não é comum que se autoproclamem desta maneira.

4.3 Capítulo 3: parte do livro ou anexado depois?

Champlin declara, citando Charles L. Taylor, Jr., que “deve ter parecido apropriado a um editor adicionar ao livro este hino de louvor a Deus, pela ajuda que o Senhor prestara ao Seu povo, em tempo de necessidade”.⁴⁷ Por outro lado, muitos eruditos defendem que este terceiro capítulo é parte integral da composição original. Sayão afirma que “ainda que o capítulo seja posterior e tenha sofrido um trabalho editorial posteriormente, temos uma obra final que marcou presença na história da fé monoteísta”.⁴⁸ Independentemente da autoria, Champlin conclui que “este poema é uma produção notável”, “um pináculo de louvor” em face do problema do sofrimento humano tratado nos capítulos 1 e 2.⁴⁹

⁴² CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

⁴³ SAYÃO, 2022, p. 252.

⁴⁴ BAKER, 2001, p. 351.

⁴⁵ BAKER, 2001, p. 351.

⁴⁶ CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

⁴⁷ CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

⁴⁸ SAYÃO, 2022, p. 252.

⁴⁹ CHAMPLIN, 2000, p. 3621.

4.4 Esboço

Por questões de espaço, não será possível apresentar uma análise extensa do capítulo 3, podendo-se ampliar a pesquisa para um segundo momento, contudo, será apresentado um panorama do que é dito – ou cantado – na oração de Habacuque.

4.4.1 Título e petição (vv 1,2)

Sobre o título, já se mencionou na abertura dessa seção que se trata de uma oração em forma de canto. O versículo dois, “Senhor, ouvi a tua fama e temi! Aviva a tua obra no decorrer dos anos; faz que ela seja conhecida no decorrer dos anos; na tua ira, lembra-te da misericórdia” (A21), mostra que o profeta-poeta, como o chama Pape,⁵⁰ experimenta um profundo sentimento de temor a Deus rogando-lhe que aja com misericórdia em favor do seu povo, como fizera no passado.⁵¹

4.4.2 Teofania (vv 3-16)

Sayão diz, citando Robertson, que o texto inicia chamando a Deus de *’ēlôah*, nome poético e arcaico para Deus.⁵² Algumas localidades são mencionadas: Temã, Parã, Cuchã e Midiã). Temã era Edom, a leste do Jordão; Parã situava-se entre o Monte Sinai e Edom;⁵³ ambos os lugares haviam testemunhado grandes feitos do Senhor, na época em que o povo estivera no deserto.

“A sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor. O seu resplendor é como a luz; raios brilhantes saem da sua mão” (Hc 3.3,4 – A21). Aqui, o profeta visualiza Deus no esplendor de sua grandeza e do seu poder.⁵⁴ Menções de elementos da natureza como os rios, os ribeiros, o mar, os montes e o sol e a lua apresentam a atividade de um Deus que governa e age sobre o mundo físico numa linguagem poética e figurativa.⁵⁵

A partir do versículo 8, Habacuque descreve lavé sobretudo como um guerreiro cósmico,⁵⁶ cujo arco está descoberto e cuja aljava está cheia de flechas, que marcha pela terra e sai em socorro do seu povo. A aparição do Senhor montado em cavalos e carros à vista dos montes e mares remete aos salmos 77.16-20 e 114.5-8;⁵⁷ a imagem poética que Habacuque constrói aqui é de um Deus que vai à batalha para vencer. Tal imagem causa espanto no poeta, a ponto de seu ventre se comover, seus lábios tremerem e seus ossos fraquejarem (v.16).

4.4.3 Declaração de confiança inabalável (vv 17-19)

O salmo se encerra com uma declaração de confiança inabalável do profeta. Diante da aparição de lavé como um guerreiro cósmico invencível, Habacuque se dá conta de que ainda

⁵⁰ PAPE, 1982, p. 91.

⁵¹ CRABTREE, 1971, p. 259.

⁵² SAYÃO, 2022, p. 256.

⁵³ PAPE, 1982, p. 91.

⁵⁴ CRABTREE, 1971, p. 260.

⁵⁵ CRABTREE, 1971, p. 260.

⁵⁶ SAYÃO, 2022, p. 258.

⁵⁷ CRABTREE, 1971, p. 262.

que tudo dê errado, sua alegria estava fundamentada no Deus que nunca falha e que isso era suficiente para alegrá-lo. “O profeta, que anteriormente via apenas problemas e sofria as consequências dos acontecimentos à sua volta, volta-se inteiramente para [...] Deus”.⁵⁸ Sua confiança no Senhor leva-o a se alegrar ainda que uvas (vinho), gado (carne e leite), azeitonas (azeite) e trigo lhe faltassem, produtos extremamente necessários naquela sociedade agrícola.

Por fim, uma última imagem é construída pelo poeta na tentativa de descrever sua confiança em Deus é a da corça, animal ligeiro e ágil, correndo velozmente e alcançando “lugares altos”. Nesses últimos versículos, vê-se a sublimidade do salmo de Habacuque alcançar o seu cume. Segundo Crabtree, “é certamente notável que a literatura dos salmos chegou ao seu mais alto grau de desenvolvimento no espírito e na experiência deste profeta-poeta-salmista”.⁵⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de Habacuque, embora pequeno, é enorme em estilo e profundidade. Crabtree retrata o profeta como “um dos grandes estilistas do Velho Testamento”.⁶⁰ Assim, este artigo buscou destacar como o capítulo 3, considerado um salmo de louvor pelos diversos autores aqui citados, apresenta semelhanças com os Salmos, tanto por sua característica musical, evidenciada nos termos litúrgicos, bem como pelas imagens poéticas nele contidas. Trata-se de um “cântico de vitória sobre o poder do mal”,⁶¹ o triunfo da fé sobre a dúvida.

Embora não se possa afirmar com certeza que o capítulo 3 foi originalmente escrito com os demais ou se fora incluído depois, tendo em vista sua resposta aos problemas levantados pelo profeta nos primeiros dois capítulos, levou-se em conta a unidade do livro como obra acabada. Enquanto mostrou-se que os capítulos 1 e 2 retratam um diálogo profético entre Habacuque e Deus, procurou-se evidenciar o capítulo 3 como um salmo de louvor a Deus escrito num tom imagético, litúrgico e poético, caracterizado por elementos que se assemelham aos Salmos, permitindo compreendê-lo não apenas como um oráculo profético, mas também como uma expressão de profunda fé diante da realidade do juízo divino. O estudo desse capítulo buscou enriquecer a compreensão da diversidade literária dentro dos profetas menores e evidenciar o valor teológico e existencial do livro de Habacuque para leitores antigos e contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BAKER, David Weston. **Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2001.

⁵⁸ SAYÃO, 2022, p. 263.

⁵⁹ CRABTREE, 1971, p. 266.

⁶⁰ CRABTREE, 1971, p. 233.

⁶¹ CRABTREE, 1971, p. 266.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo palavras-chave Hebraico e Grego**. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BÍBLIA. Português. **Tradução Almeida Século 21**. São Paulo: Purpose Paper, 2023.

CARREIRO, Gustavo Albernaz Dias. **Um profeta em crise**: análise exegética de Habacuque 1.1-4. *Pneuma: Revista Teológica*. Curitiba, v. 02, n. 01, 2022. ISSN: 2965-3177. p. 02-14. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/pto/article/view/258>

CHAMPLIN, Russel Norman. **O Antigo Testamento interpretado versículo por versículo**. Volume 5. São Paulo: Candeia, 2000.

CLASEN, Jame (trad.). **Quem é quem na Bíblia**: dicionário ilustrado da Sagrada Escritura. Rio de Janeiro: Seleções, 2012.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Os profetas menores (II)**: Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias. Rio de Janeiro: JUERP, 2002.

CRABTREE, A. R.; et al. **Profetas menores**: comentários sobre os livros de Joel, Obadias, Jonas, Miqueias, Naum e Habacuque. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1971. Vol. 1.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílio para Interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

KUNSTMANN, Walter G. **Profetas menores**: comentário bíblico. Porto Alegre: Concórdia, 1983.

LOPES, Hernandes Dias. **Habacuque**: como transformar o desespero em cântico de vitória. São Paulo: Hagnos, 2007.

PAPE, Dionísio. **Justiça e esperança para hoje**: a mensagem dos profetas menores. São Paulo: ABU, 1982.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **O problema do mal**: o caso de Habacuque. São Paulo: RTM, 2022.

SCHÖKEL, Alonso; SICRE DIAZ, J. L. **Profetas II**: Grande comentário Bíblico. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHULTZ, Samuel J.; SMITH, Gary V. **Panorama do Antigo Testamento**. Curso Vida Nova de Teologia Básica. São Paulo: Vida Nova, 2008. Vol. 2.